

CANUDOS E A REPÚBLICA BRASILEIRA NA IMPRENSA INTERNACIONAL EM 1897

Juan Recchia Paez (IdIHCS — UNLP/CONICET)

Resumo: A 3ª FLICAN “Revisitar Canudos, reinventar ou o Brasil” realizada em agosto de 2022 tornou-se um espaço de discussão e atualização de estudos sobre o acontecimento bélico de Canudos no âmbito das comemorações dos 125 anos da Guerra de Canudos e dos 120 anos da publicação da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Este artigo, lido no Alto da Favela, busca contribuir para essa refundação de Canudos a partir do estudo das publicações jornalísticas por meio das quais a guerra se espalhou internacionalmente em países como Argentina, México, Espanha e Estados Unidos. Interessa-nos apontar como Canudos, no plano nacional, pode ser pensado e analisado como o grau zero da fundação da República brasileira no final do século XIX. No entanto, no plano internacional, a narração da guerra e as representações de Antônio Conselheiro encontram linhas de fuga nada previstas pelas chamadas “narrativas nacionais” que põem em crise e problematizam a assimilação do acontecimento pelas versões hegemônicas. Na tensão entre esses dois aspectos históricos, e diante das políticas antipopulares do governo Bolsonaro, a FLICAN nos propõe, a partir de seu trabalho educacional e cultural, a refundação de um Brasil novo e diverso.

Palavras-clave: Canudos. Imprensa internacional. 1897. Antônio Conselheiro. FLICAN.

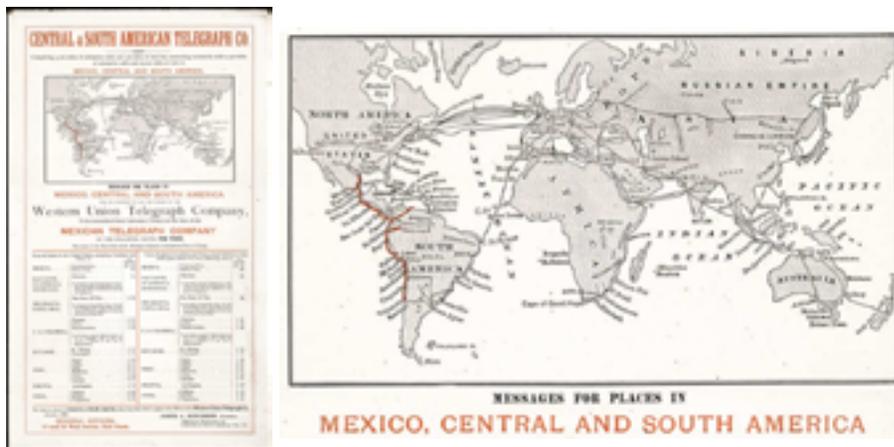
Resumen: La 3ª FLICAN “Revisitar Canudos, reinventar o Brasil” desarrollada en agosto del 2022 se convirtió en un espacio de discusión y actualización de los estudios sobre el acontecimiento bélico de Canudos en el marco de conmemoración de los 125 años de la Guerra de Canudos y los 120 años de la publicación de la obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. El presente artículo, leído en el Alto da Favela, busca aportar a esta refundación de Canudos desde el estudio de publicaciones periodísticas mediante las cuales la guerra se difundió internacionalmente en países como Argentina, México, España y EEUU. Nos interesa señalar cómo Canudos, en el plano nacional, puede ser pensado y analizado como el grado cero de fundación de la República brasileña hacia finales del siglo XIX. Sin embargo, en el plano internacional, la narración de la guerra y las representaciones de Antônio Conselheiro encuentran líneas de fuga para nada previstas por la denominadas “narrativas nacionales” que ponen en crisis y problematizan la asimilación del acontecimiento por las versiones hegemónicas. En la tensión entre estas dos vertientes históricas, y frente a las políticas antipopulares del gobierno actual, la FLICAN nos está proponiendo, desde la labor educativa y cultural, la refundación de un Brasil nuevo y diverso.

Palabras clave: Canudos. Prensa internacional. 1897. Antônio Conselheiro. FLICAN.

É para mim uma honra estar hoje aqui aprendendo e compartilhando tanta coisa nessa 3ª Feira Internacional de Canudos que vocês estão levando à frente. Agradeço enormemente o convite e todos os esforços que estão fazendo nesses dias para que a FLICAN seja o que é: uma refundação de Canudos.

O trabalho com a memória, a oralidade e a revisão da escrita da história que o Campus e a FLICAN propõem geram, realmente, uma revitalidade da nossa história (a brasileira e além dela, a latino-americana) muito necessária. Essa revitalização é preciso fazê-la, colocando em cena o que o crítico latino-americano Julio Ramos denominou como o estudo das formas textuais “menores” que não busca idealizar “marginalidade” ou “heterogeneidade”, mas, ao contrário, tenta “ver como a flexibilidade formal permite a construção de um arquivo dos “perigos” da nova experiência; uma ordenação da vida cotidiana ainda “não classificada” pelo “saber” instituído.” (1987, p. 113) Como todos sabemos, a Guerra de Canudos foi travada nesse território, mas também nas múltiplas discursividades que se desenrolaram no Brasil, na América Latina e em um circuito noticioso internacional que, no final do século XIX, constituía a mais popular rede de telegramas e notícias na história das telecomunicações (Fig. 1). Porém, há uma dimensão discursiva que se constituiu também como frente de batalha.

FIGURA 1 – Mapa do sistema e quadro tarifário da Central & South American Telegraph Company até 1882



Fonte: <http://atlantic-cable.com/CableCos/CSA/index.htm>. Última consulta: 11/6/2019.

A presente exposição é parte de um trabalho maior que venho fazendo nos últimos oito anos sobre o que chamo o acontecimento de Canudos na escala mundial. Portanto, recolhi e preparei um corpus de revistas de propaganda republicana brasileira na Europa e de notícias telegráficas publicadas em várias partes do nosso continente. Trabalhei com os arquivos dos jornais na Argentina, no México, em Cuba, na Espanha, nos EUA e na França que durante o ano de 1897 estavam noticiando sobre a guerra. Nessa rede de notícias, foi como a guerra de Canudos, e a República brasileira mais ainda, ficaram conhecidas internacionalmente¹. Como aponta a célebre figura de Ariano Suassuna: “Quem não conhece Canudos, não conhece o Brasil”. Assim como o Brasil se torna muito mais conhecido internacionalmente devido à Guerra de Canudos, em sua tragicidade e heroísmo; poderíamos pensar que a citação acima também sugere que não se pode compreender bem o Brasil, sem antes conhecer o que foi verdadeiramente Canudos.

Isso foi o que aconteceu com o governo da primeira república e também acontece, penso eu, com esse “desgoverno” que, em dezembro de 2022, está prestes a acabar. E a FLICAN já sabe disso: a ignorância e o desconhecimento se combatem com a educação. Nestes 125 anos após a Guerra de Canudos, aquele conflito bélico ainda está presente em todos nós hoje como um problema, cuja complexidade merece ainda nossa atenção. Assim, eu gostaria de abordar dois sentidos complementares de uma mesma questão: Canudos, como Tróia, pode ser pensado como um evento que dá origem e, ao mesmo tempo, marca os limites da República brasileira.

Origem: uma guerra que cria uma nação

Canudos, como evento, pode ser pensado como o grau zero da fundação, ou pelo menos da tentativa de consolidação da República brasileira: “Aquele campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime.” (2001, p. 111) Definiu Euclides e instalou legal-

¹ Para quem estiver interessado em aprofundar nesses tópicos, pode consultar Recchia Paez 2021a e 2021b.

mente a noção de *crime* para o ano 1902, em que também estava sendo gravada e escrita por estudiosos baianos como Martins Horcades, Lelis Piedade, entre outros. Desta forma, *Os sertões*, assim como a guerra, começaram a sinalizar um fim, cuja origem problemática surgiu de um extermínio sistemático e planejado das populações locais.

Roberto Esposito em seu livro sobre a origem da política nos ajuda a pensar o acontecimento do genocídio e sua relação com a fundação política. O filósofo italiano desenvolve a questão de como a ideia de “originalidade” se define não tanto por seu caráter irrepetível ou de “novidade”, mas sobretudo por seu valor inaugural sobre o qual se baseia uma configuração política da história: “Aquelle evento, em suma, inaugura o tempo da política e inevitavelmente a predetermina” (1999, p. 26). É assim que Canudos, como Tróia, é “uma guerra que não termina com um tratado ou com a rendição de um dos dois contendores, mas com a destruição completa da cidade em torno da qual e pela qual se combate” (1999, p. 29). A forma política republicana, então, “nasce de um polemos cujo resultado é a destruição de uma polis” (1999, p. 29). Michel Foucault, em suas aulas de janeiro de 1976, também havia formulado essa relação ao propor uma inversão da tese de Clausewitz sobre o papel social da guerra para apontar que, na verdade, o poder político não detém a guerra para neutralizar seus efeitos, diz o filósofo francês: “o papel do poder político seria reinscrever perpetuamente essa relação de força [...] nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até mesmo nos corpos das populações” (2000, p. 29).

A República nasceu, então, de uma destruição que nos obriga, por um lado, a apontar o alcance das operações de construção de uma história escrita oficial; e, por outro lado, revalorizar a espessura e a multiplicidade de um arquivo constituído por restos, vestígios, ruínas e memórias do sobrevivente. Hoje, 200 anos depois da Independência do Brasil, podemos pensar o sucesso internacional de Canudos como o acontecimento que conseguiu visibilizar a incorporação (não menos problemática) da República no mercado capitalista mundial. Nesse processo legitimou-se uma República, na base de um genocídio e a pesar dele. Vejamos alguns exemplos.

FIGURA 2 – *Revue du Brésil*, p. 1, 1/7/1897 — A Juventude Brasileira e a Ideia Democrática / Alemães Reunidos na Praça Pública de São Paulo



Nos mesmos meses em que as forças militares avançavam para o sertão, intelectuais estrangeiros eram recepcionados e aclamados nas metrópoles da Primeira República. Fora do Brasil havia uma rede muito fluida de trocas textuais em várias direções que faziam o Atlântico rimar com o Pacífico. Apresentam-se os casos, por exemplo, de “revistas ilustradas” como a revista *Revue du Brésil*: um periódico de propaganda republicana editado em Paris entre 1896 e 1897.

Nas páginas da *Revue*, a elite brasileira dialoga entre pares e aperta a mão de intelectuais europeus que, no marco da modernização e da configuração de um mercado econômico mundial, estavam muito atentos às novidades do Brasil (HALPERÍN, 1962). Entre estes, por exemplo, estão extremamente presentes as figuras de viajantes estrangeiros pelo território brasileiro como modelo para essa intelectualidade letrada (SÜSSEKIND, 1990). Basta observar a capa de 1º de junho de 1897 da *Revue du Brésil* intitulada “Allemands réunis au garden public de Saint-Paul” (Fig. 2). A imagem é um instantâneo desse mundo de trocas e expõe os vínculos entre intelectuais estrangeiros e locais no novo e promissor espaço da jovem república. São diferentes apresentações da elite em um “banquete tropical” que nos coloca no início da era cafeeira e de São Paulo, como centro do poder econômico e intelectual. No fundo da imagen, a relação entre os intelectuais e os canaviais (como metonímia da

natureza) inauguram uma nova fase de substituição da economia açucareira. A atmosfera extremamente descontraída é completada com artistas que brincam com uma pintura também feita de junco (que pareceria anunciar o movimento artístico que daria começo ao Modernismo de 1922 e cujo centenário se comemora hoje em todo o país). A nota que acompanha a foto, intitulada “La Jeunesse Brésilienne et l’idée démocratique” sinaliza de modo contundente uma visão para o futuro das promessas utópicas e idealistas da elite intelectual que está no comando desta república nascente.

Podemos ver nessa imagem da *Revue du Brésil* a condensação da vontade da elite brasileira de configurar um imaginário republicano sob o famoso slogan “Ordem é Progresso”. Em linhas gerais, a noção naturalista de história (cujo desenvolvimento na América remonta aos séculos XVII e XVIII) é um pilar conceitual sobre o qual a Nação se apoia como um “projeto cultural” e se torna inseparável de noções-chave do pensamento do século XIX: os de território, raça e progresso (SERGE, 2005). Para o caso brasileiro, sabe-se que foi a corrente positivista que, em suas diversas variáveis, postulou essas teorias sobre o vínculo natureza-cultura para discernir o modelo nacional. Nas palavras de Lila Schwarcz: “Civilização e progresso, termos privilegiados da época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais” (1993, p. 57).

A formação dessa rede de trocas textuais e propaganda republicana no exterior fundou um paradigma ou modelo cultural que conseguiu universalizar uma imagem da República e, também, de certa forma, universalizar uma imagem fixa de Canudos. Cristalizar o fenômeno conflituoso, naturalizar sua fundação, foi, segundo Adriana Campos Johnson, um processo realizado por vozes intelectuais nacionais. A mediação intelectual, no falar de Johnson, foi o fato determinante no final do século XIX para a incorporação da América Latina no mundo como produtora de bens culturais. Essa incorporação se efetivou graças ao trabalho escrito dos intelectuais e das maquinarias e tecnologias de comunicação. A escrita de Euclides da Cunha e *Os Sertões* cabem, em parte, nesse processo.² A autora formula a questão da seguinte forma:

² Lembremos que boa parte desses intelectuais trabalhou arduamente como representantes do Estado nos processos de delimitação das fronteiras com o Peru, a Bolívia e outros países vizinhos.

O que significa colocar a relação entre Canudos e o texto de Euclides como uma relação entre um “fenômeno” e “sua expressão”? [...] Estes dois elementos [...] exemplificam a naturalização da mediação intelectual que se concretiza na América Latina sob a narrativa do intelectual como voz dos sem-voz [...] mas que os estudos subalternos nos ensinaram a reconhecer como um “julgamento” essencial para o estabelecimento de formas modernas de governança” (2010, p. 4).

Frente a isso, o trabalho com a noção de “arquivo canudense” deve se basear na necessidade de “desfazer” a experiência canudense das versões letradas mais conhecidas e reproduzidas do evento para reler a história na contramão. Essa pergunta de Johnson é, eu creio, uma das perguntas que todos nós estamos respondendo aqui.

Limites: Repercussão internacional da guerra para além do Brasil

São conhecidas, e muito estudadas, as operações de “naturalização” (STOLCKE, 1997) e “normalização” (AGAMBEM, 1998) dos “fanáticos” pelos discursos nacionais brasileiros. Walnice Galvão e Leopondo Bernucci aqui presentes foram pioneros nesses estudos. O termo “fanáticos” está associado a duas configurações de *alteridade*.

Por um lado, temos aquelas representações associadas ao frenesi, à monstruosidade, típicas dos discursos dos militares republicanos; aquilo que José Murilo de Carvalho definiu como “os bestializados” (1996). Por outro lado, haveria aquelas associações com a patologização da psicologia da multidão de Raimundo Nina Rodrigues; “os degenerados”, no dizer de Lilia Schwarcz, as quais guardam relações com a ideia de distinguir uma “identidade nacional” e com a suas diferenças encontradas nos discursos de Ruy Barbosa ou até mesmo de Euclides da Cunha.

Além desses dois modos de representação do “fanático”, encontramos nas textualidades telegráficas internacionais desvios dessas categorizações. A imprensa internacional dá outros usos às formulações de discursos nacionais para esvaziar e preencher o apelido de “fanáticos”. Nas citações, categorias que

em textos militares ou científicos eram associadas a figurações monstruosas, bestializadas ou patológicas, degeneradas, são reescritas com outros fins.

Por exemplo, as fontes internacionais apontam repetidamente o problema que têm ao informar sobre os desenvolvimentos e os inimigos do conflito. Esse caráter “indescritível” está paradoxalmente presente em várias das descrições iniciais dos inimigos da república. Na concretização dessa liminaridade, materializa-se a exterioridade radical que nos coloca diante de uma crise de identidade da hegemonia republicana (ORTIZ, 1997). Ela é também o traço do desejo de controle e dos limites do conhecimento possível sobre a *alteridade*. Como tópico do inefável, no indescritível está o limite da figuração, portanto, os próprios limites da linguagem, seus usos e sua capacidade de dizer. Basta-nos comparar a reescrita de um mesmo fragmento em publicações diferentes, como nas notas 3 e 4, abaixo, apoiadas pelas ilustrações respectivas.

É assim que, ao considerarmos esses exemplos de reescritura, podemos ver como o meio telegráfico, na sua heterogeneidade, não procura caracterizar taxonomicamente os fanáticos³. Paradoxalmente, quanto mais se tenta desmembrar coletivamente os “fanáticos” para explicá-lo (ou o que Machado de Assis aponta como “[e]ssa coisa é que é o mistério”) mais expostas ficam as limitações e impossibilidades das textualidades para explicá-las⁴. Essas ta-

³ “El ejército del fanático se puede dividir en cuatro clases: fanáticos verdaderos; fanáticos por interés, que esperan obtener un excelente botín de guerra si vencen; desertores del ejército, de la armada y de la policía; asesinos y malhechores de Bahía, de Sergipe, Minas, Alagoas, Piauí.” (p. 2) *El Siglo Futuro* (MD 26/02/1897) e *Diario Oficial de Avisos* (MD 27/02/1897).

“Como el ejército del profeta “portuguesiño” puede clasificarse el liberal en liberales verdaderos, o tontos o malos de remate; liberales por interés, que lo mismo serían partidarios de la Inquisición o del Moro Muza si esos despachasen el turrón y les facilitasen los negocios; desertores del ejército verdaderamente nacional, que se cansa de esperar y suspiran por las ollas de Egipto; aventureros, delincuentes y criminales que se arriman a quienes les asegure la impunidad y no les impida el delito. (30/03/1897: p. 2) *La Voz de México* (MX 30/03/1897).

⁴ “Não vos fieis no telegrama da *Gazeta*, que diz estarem com ele quatro classes de fanáticos, e só uma delas sincera. Primeiro que tudo, quase não há grupo a que se não agregue certo número de homens interessados e empulhadores; e, se vos contentais com uma velha chapa, a perfeição não é deste mundo. Depois, se há crentes verdadeiros, é que acreditam em alguma coisa. Essa coisa é que é o mistério. Tão atrativa é ela que um homem, não suspeito de conseleirista, foi com a senhora visitar o apóstolo, deixando-lhe de esmola quinhentos mil réis, e ela quatrocentos mil. Esta notícia é sintomática. Se um pai de família, capitalista ou fazendeiro, pega em si e na esposa e vai dar pelas próprias mãos algum auxílio pecuniário ao Conselheiro, que já possui uns cem contos de réis, é que a palavra deste passa além das fileiras de combate.” *Gazeta de Notícias* (“A Semana”), 31/1/1897: p. 12. Vide Machado de Assis, p. 412.

xonomias tornam-se, então, um absurdo, que parece antes referir-se à citação que Michel Foucault faz de Borges, no célebre livro *As palavras e as coisas*, para encenar uma “desordem do heteróclita”.

O caso Canudos torna-se assim tão extremo em sua exterioridade que nele entra em crise a própria definição de “identidade” que a República tentava consolidar nesses anos. Como se a identidade nacional e o acontecimento se tornassem irreconhecíveis, irreconciliáveis e impossíveis de serem assimilados entre si. Nas versões internacionais, os “fanáticos” nunca são brasileiros e Canudos nunca fica no sertão. O que chamamos, com Derrida (2005), de *exterioridade radical* das figuras canudenses nos permite visualizar que, em toda operação midiática, persiste uma agência fanática que não pode ser assimilada pelo discurso hegemônico. Visualizar essa liminaridade é afirmar que o marco constitutivo do Estado-nação brasileiro foi determinado a partir de uma impossibilidade, e que ele é fruto de um problema não resolvido ou sempre em tensão nos limites da espacialidade e da representação.

O alcance da chamada dominação discursiva nacional que reproduz formulações científico-militares limita-se, então, às textualidades da imprensa brasileira (GALVÃO, 1977). Fora dela, e no amplo plano da rede telegráfica, o mundo dos fanáticos replica-se de maneiras muito diversas e heterogêneas. Com a mesma precisão e certeza com que a mulher, comentada por Machado de Assis, pede ao vendedor de gazetas da Rua de São José, na esquina do Largo da Carioca, o retrato “desse homem que briga lá fora”, de cujo apelido ela não se lembra⁵.

⁵ “Conheci ontem o que é a celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de São José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

— Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.

— Quem?

— Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que “esse homem que briga lá fora” é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces.” (Machado de Assis, *Gazeta de Notícias*, RJ (“A Semana”), 14/02/1897.

Antônio Conselheiro: “Esse homem que briga lá fora”

Machado de Assis, escritor já consagrado na época e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, descreve uma cena de rua para se refletir sobre os limites que as notícias e as histórias de Canudos transcendiam. Testemunhos da intelectualidade como esses mostram um deslocamento do conflito de Canudos e o situam em outras ordens que vão além do sertão baiano: “lá fora” nas palavras de Machado. No início de 1897, boa parte da intelectualidade urbana alertava sobre os limites ultrapassados pelas caatingas, pelos fanáticos e pelo seu líder Antônio Conselheiro.

A célebre figura do Conselheiro aparece, no corpus jornalístico internacional, de feições implausíveis, definida como: “Antônio Conselheiro o profeta, rebelde, fanático, caudilho, guerreiro, sacerdote louco, homem de além-mar e líder inspirador”. Novamente, a forma de representá-lo não é homogênea nem inequívoca. A figuração do profeta nas páginas telegráficas está ligada à discussão sobre a origem de sua loucura, e tem duas imagens principais: a dele como profeta e a dele como líder rebelde.

FIGURA 3 – *La Nación* (Buenos Aires), 9/3/1897, gravura do Conselheiro, de corpo inteiro com sua túnica e seu bastão.



FIGURA 4 – Retrato original do Conselheiro publicado na *Gazeta da Tarde*, RJ, 29/1/1897. Fonte: Alves 1977⁶.



⁶ Alves comenta que provavelmente esta seja a imagem procurada pela senhora do relato de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* (“A Semana”), RJ, 14/2/1897.

O desenho integral do Conselheiro com sua túnica e bengala publicado em *La Nación* de Buenos Aires é acompanhado por um contraponto narrativo entre duas versões da vida de Antonio Maciel e a origem de seu misticismo (Fig. 3). Esta imagem é uma cópia invertida de um famoso perfil publicado na edição de 29 de janeiro de 1897, na primeira página da *Gazeta da Tarde* (RJ) (Fig. 4). É uma imagem que causou muita sensação e, possivelmente, é o objeto da cena comentada por Machado de Assis em sua crônica de 14 de fevereiro desse mesmo ano. Ao contrário da reprodução publicada em *La Nación*, no original há uma igreja em construção, uma pequena casa e algumas ondulações do terreno, seco e sem vegetação que podem ser vistas ao fundo. Como se a imagem estivesse perdendo seu entorno e a figura do corpo fosse se tornando cada vez mais relevante à medida que as cópias são replicadas. Em ambas representações, graças à posição escolhida do corpo, destacam-se a barba do Conselheiro, o polegar gigante e o andar levitante de pés quase descalços.

FIGURA 5 – “The Fanatic Arousing the Natives”, *The Mexican Herald*, Cidade do México, 23/4/1897.



Outro caso interessante é a aparição descentralizada desse outro Conselheiro nas páginas do *The Mexican Herald*, que, como podemos ver, parece estar lutando em uma região de selva e não aqui no sertão (Fig. 5). Em primeiro plano estão as habilidades retóricas do líder e sua relação com a multidão de “nativos” que, segundo a imagem, são representados, na sua maioria, como homens barbudos de chapéu, muito bem armados com grandes cargas de munição; e alguns com aspectos físicos semelhantes aos piratas (lembrando

novamente as crônicas de Machado), com lenços na cabeça. O Conselheiro já não é o velho encurvado que se apoia no cajado para caminhar, mas aquele que se tornou um grande líder agitador das massas e que, sobre uma rocha, ergue o cajado como se fosse uma arma.

A convivência desses diferentes Antônio nos leva a reler também as enunciações dos diferentes sujeitos envolvidos e a contrastar vozes da história intelectual com aquelas menos ouvidas. O discurso nacional compartilha com o discurso jornalístico uma distância intransponível em relação aos acontecimentos; essa distância está incorporada no conceito de mediação. Para além das disposições ideológicas ou políticas (em sentido estrito), o grau de sucesso ou fracasso dos discursos depende de uma série de mediações. Ou seja, progresso, linearidade e civilização realmente funcionam de forma deficiente e alternativa. Há, assim, um “reverso” da história das chamadas hegemônias discursivas — um reverso tecido de resistências, desvios, ilegalidades. Replcando as palavras de Foucault, “quando falo de uma sociedade ‘disciplinar’, não se deve entender ‘sociedade disciplinada’, pois na análise dos procedimentos instalados para normalizar não se enuncia “a tese de uma normalização”. Como se, precisamente, “todos esses desenvolvimentos não fossem iguais a uma perpétua falta de sucesso” (1996, p. 44). Essa “perpétua falta de sucesso” é a condensação do que aconteceu em 1897 com o espaço do sertão e o evento de Canudos em cada uma de suas réplicas pelo mundo.

Breves conclusões

No roteiro percorrido, busquei destacar processos de traduções, reescritas, apropriações e adaptações para visualizar a inexistência de representações “puras”, de origens singulares e de discursos autônomos ao redor de Canudos, o sertão, os fanáticos e a jovem república brasileira no final do século XIX.

No entanto, a narrativa do evento de guerra, nesta nova escala, encontra linhas de fuga que não são de todo previstas pela tão estudada “narrativa da Nação” (ANDERSON, 1993; BHABHA, 2010; SOMMER 2010). A realidade canudense, nas páginas internacionais, irrompe espacial e temporal-

mente de formas raramente previsíveis e controláveis: o cientificismo se traduz no local, a harmonia pictórica entra em crise diante da opinião popular, o sertão se expande e perde seu quadro referencial. O contraponto estabelecido pelas figurações do espaço sertanejo em textos internacionais com as matrizes discursivas hegemônicas da nação brasileira é tal que serve para visualizar um mosaico ampliado, produto das agências múltiplas que coexistiam para o ano de 1897 nos confrontos discursivos. Embora a atribuição do estado-nação de soberania popular (através do conceito de cidadania) tenda para a totalidade, esta é sempre feita de forma parcial e não é estável. Paradoxalmente, o acontecimento de Canudos não pôde ser assimilado por essas operações. Invertendo a formulação de Renato Ortiz, não é aqui que o discurso nacional “despeja” (1997, p. 102) a realidade local para se apropriar dela e construir seu referencial identitário; ao contrário, Canudos “despeja” a ordem desejada pela jovem república. Canudos dá um xeque-mate à identidade nacional:

A identidade nacional está, portanto, fora de alinhamento com o próprio movimento que a engendra. É o resultado de um duplo movimento, a desterritorialização dos homens e sua reterritorialização na esfera de outra dimensão. Sua existência é, portanto, “precária” e deve ser constantemente retrabalhada pelas forças sociais. Longe de ser algo acabado, definitivo, requer um esforço permanente de reconstrução (1997, p. 103).

Penso que é isso mesmo o que a FLICAN propõe hoje, 60 anos depois da efervescência das Ligas Camponesas no Brasil e 180 anos do Conselho Estadual de Educação. Diante do extermínio, a FLICAN constrói e tece memórias. Diante do silêncio, as músicas, os cordéis e as memórias persistem. Diante do desgoverno atual, a FLICAN responde com educação, ciência e tecnologia. Num imenso ato de visibilidade e reinvenção nacional: a FLICAN está reescrevendo, a partir de Canudos, os significados socioculturais de um Brasil novo e diverso.

Referências

ALVES, Lizir Arcanjo. *Humor e Sátira na Guerra de Canudos*, Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1997.

ASSIS, Machado de. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre/Recife: Editora Mérito, 1961.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer. El poder soberano y la nuda vida*. Madrid: Pretextos, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas, reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1993.

BHABHA, Homi K. (Comp). *Nación y narración. Entre la ilusión de una identidad y las diferencias culturales*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

DA CUNHA, Euclides. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices por Leopoldo Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

DE CARVALHO, Murilo. *Os bestializados*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Canallas. Dos ensayos sobre la razón*. Madrid: Trotta, 2005.

ESPOSITO, Roberto. *El origen de la política, ¿Hannah Arendt o Simone Weil?*, Paidós, Barcelona-Buenos Aires-México, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Defender la sociedad*. Buenos Aires: FCE, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Las palabras y las cosas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais, 4ta expedição*. Ed. São Paulo: Ática, 1977.

JOHNSON, Adriana Michéle Campos. *Sentencing Canudos: Subalternity in the Backlands of Brazil*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2010.

HALPERÍN DONGUI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*, Alianza editorial: Madrid, 1962.

ORTIZ, Renato. “Modernidad-mundo e identidades” en revista *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Época II, Vol. III, Núm 5, Colima, junio 1997, p. 97-108.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América latina*, México: FCE, 1987.

RECCHIA PAEZ, Juan. “La guerra de Canudos en revistas brasileñas publicadas en Europa el caso de la Revue du Brésil (París, 1896-1898)” en *Humanidades: revista de la Universidad de Montevideo*, Montevideo, 2021a.

RECCHIA PAEZ, Juan (2021b) “La serie de Antonio Conselheiro y la rebelión popular de Canudos en la prensa periódica internacional hacia 1897” en *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, Publicado el 29 marzo 2021, consultado el 17 diciembre 2022.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930*. Cia das Letras, 1993.

SERJE, Margarita. *El revés de la Nación: territorios salvajes, fronteras y tierras de nadie*, Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 2005.

SOMMER, Doris. “Un romance irresistible: las ficciones fundacionales de América Latina”, en BHABHA, Homi K. (Comp). *Nación y narración. Entre la ilusión de una identidad y las diferencias culturales*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

STOLCKE, Verena. “La ‘Naturaleza’ de la Nacionalidad” en *Desarrollo Económico – Revista de Ciencias Sociales*, número abril-junio 2000. Buenos Aires, IDES, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*, São Paulo: Companhia das letras, 1990.

Recebido em 20 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de dezembro de 2022.